



QI

Guia da vida contemporânea

As estrelas do *Guide Michelin* trazem fama, mas não levam à felicidade **61**

Afonsinho: o pé de Neymar não pode se tornar uma tragédia nacional **62**

O hotel de Proust e Coco Chanel leiloa itens de sua mitologia **64**



Um país sem noção

Uma pesquisa - e o dia a dia - mostra:
a capacidade que o brasileiro tem de produzir
besteiras e disparates é infinita

POR NIRLANDO BEIRÃO



TASSO MARCELO/FOTOS PÚBLICAS



QI/Um país sem noção

Uma pesquisa global produzida pelo Instituto Ipsos-Mori atesta que os brasileiros não sabem nada de si mesmos. Naquilo que os pesquisadores chamavam de “Índice de Ignorância”, agora amenizado pelo eufemismo “Perigos da Percepção”, estamos muito bem na foto; só perdemos, entre 38 países, para a África do Sul. Disputamos a primazia da ignorância no mundo.

Indagada sobre temas como segurança, saúde, consumo e tecnologia, a galeira canarinho é capaz dos mais grosseiros disparates. Nem foi preciso mobilizar o Congresso Nacional na amostra. O resultado reitera a eficiência da mídia na incansável campanha de desinformação e deseducação do povo, que veio dar no golpe. A eficiência só não é completa porque, de repente, pode aparecer uma Tuiuti cantando a liberdade por sobre nossas cabeças.

CartaCapital desenha aqui uma galeria *freak* dos brasileiros sem noção.

OS LACAIOS DA REDAÇÃO

Essa categoria se excede nas artes da psicografia, a disciplina fundamental para o exercício do jornalismo nas grandes redações, hoje em dia. Você tem de descobrir o que se passa na cabeça do patrão – mesmo que ele já tenha desencarnado, como nosso companheiro Roberto Marinho, histórico desafeto da democracia. Como, às vezes, a adivinhação é apressada e confusa, pode acontecer de a ânsia de se submeter ao manual do dono leve ao paroxismo do tipo mais-realista-do-que-o-rei. Se possível, a mistificação deve se disfarçar de jornalismo isento e imparcial, com testemunho dos *balilas* da Lava Jato, igualmente isentos e imparciais.

OS ALEGRES VIRA-LATAS

O orgulho em ser brasileiro reside na ideia de que os nacionais são inconfiáveis – menos você. Esta porcaria de país existe por culpa dos outros, a começar pelos políticos que a gente coloca no poder. Você se exime alegremente de qualquer responsabilidade e, no fundo, se regala quando percebe que o País vai ladeira abaixo, com sua festiva contribuição ou com a ajuda de sua omissão. O 7 a 1 pra Alemanha na Copa de 2014 não foi um vexame isolado. Diariamente, a goleada repete-se e a gente sorri, já antecipando o refresco do próximo Carnaval.

OS SABICHÕES DO VOLANTE

A nossa mais respeitada mídia trafega nas ruas, de volante na mão e sobre quatro rodas. Os motoristas de táxi têm certeza de que sabem tudo. Há sempre um passageiro “que tem um primo que trabalha na Polícia Federal” que lhe sussurrou ao ouvido, com exclusividade, que Lula vai fugir para o Azerbaijão, onde o Lulinha tem um triplex forrado com ouro, e que o juiz Moro sofrerá um atentado do Estado Islâmico em outubro, encomendado pelo Vampiro da Tuiuti, que na verdade é o José Dirceu. Não se sabe se o receptor dos absurdos acredita neles, mas o fato é que os divulga alegremente. Arautos das *fake news*, os taxistas, a bordo de uma cartilha política aprendida de ouvido, acreditam que o que falta no Brasil é disciplina e que os militares são bem-vindos.





OS ACADÊMICOS DA PATACOADA

Um dos intelectuais do golpe, Paulo Skaf, jamais leu um livro em toda a sua vida, mas, se for preciso, ele discute filosofia alemã com um Ph.D. de Heidelberg sem saber sequer distinguir Schopenhauer de Brahma Chopp. Seu coeficiente intelectual se nivela com o da maioria de seus pares empresários, mas o ego da categoria preenche os espaços vazios. Para afastar um governo que, segundo eles, estava desestabilizando a economia, a Fiesp *et cetera* pararam de trabalhar e promoveram um *lock out* que derrubou, sim, o governo legítimo – e, de quebra, arruinou de vez a economia. Até hoje pagam o pato pela estultice suicida.

OS AVESTRUZES DE PENACHO

O ex-presidente Fernando Henrique acaba de propor uma solução de gênio para o impasse político que os ricos e a classe média mimética estão vivendo: sem um candidato que os represente na eleição

presidencial, o melhor é trocar o eleito-rado. Algo assim como convocar eleitores suecos, ou noruegueses. Como tudo o que FHC diz, com aquele imaginário manto de arminho sobre os seus ombros, costuma ser levado a sério pelo *Estadão*, a sugestão corre o risco de ir parar com o ministro Fux, no Tribunal Eleitoral. E, pior, ser aceita. Mas faz tempo que Fernando Henrique, ele próprio, não tem compromisso algum com o que fala. Quando não dá certo, como aconteceu no seu apoio ao golpe de 2016, ele recorre àquela volatilidade que só a irresponsabilidade autoriza e sai olímpicamente de cena, com total desfaçatez.

OS MANIFESTOCHES RESSABIADOS

A molecagem do antipetismo de asfalto, arregimentada pelos telejornais da Globo e encenada por um punhado de globetes, perdeu a graça e a constatação de que o “combate à corrupção” era uma mentira autointingida não produziu um *mea-culpa* envergonhado – que só seria possível se os manifestoches fossem capazes de sentimentos como o arrependimento e a vergonha na cara. O silêncio das panelas nas varandas

gourmets não configura um ato de contrição; é apenas uma pausa antes, plim, plim, da próxima idiotice.

OS FASCISTAS DO CAPITAL

Os interesses do dinheiro, no Brasil, prevalecem, sempre prevaleceram, sobre os naturais entechos do regime democrático. Direitos trabalhistas, reivindicações sindicais, greves operárias são um estorvo à acumulação de riqueza e ao livre fluxo das operações especulativas, dispensados, naturalmente, os impostos devidos. Em momentos de acirramento ideológico, os agentes do capital tiram a gravata, arrancam a máscara e gritam “mito” para Bolsonaro. O “mercado” não se dá bem com a democracia. Haja vista que, cada vez em que o interesse maior do povo é apunhalado, a Bolsa exulta e o dólar cai.



QI/Um país sem noção

AS COCOROCAS DO LEBLON

A crise moral, mais do que a econômica, andou cancelando o bingo e o carteadado das senhoras antes abonadas e elas decidiram, num *revival* das marchadeiras de 1964, jogar-se tardiamente nos convoscotes políticos empunhando panelas com as quais tinham intimidade zero. O que as movia era o temor de as conquistas sociais, obtidas nos governos do PT, ameaçarem a reserva de subempregadas a que elas recorrem. Tinham também pesadelos com o programa Minha Casa Minha Vida, que eventualmente poderia retirar daquela senzala infecta e sem janela sua serva de tempo integral e sem carteira assinada. Estava realmente ficando difícil a vida.

OS QUEIXOSOS DE TELEJORNAL

O eleitor canarinho terá em outubro, ao que tudo indica ainda pode ter, a oportunidade de varrer do mapa legislativo todos aqueles pilantras, cínicos e corruptos contra os quais o País reverbera dia e noite. Só que é altamente provável que o eleitor use sua indignação contra “os políticos de Brasília” para reeleger em outubro os mesmos ladrões, pilantras e corruptos que lá estão – e, de quebra, mais alguns. Parece não fazer sentido, mas faz. Se não for assim, como fazer para exercer a grande virtude nacional, que são a queixa e o resmungo? De preferência ao vivo, no *Jornal Nacional*, com direito a um adeusinho para a família.

AS CASSANDRAS DE PICASSO

Como naqueles retratos do pintor andaluz, as faces das pitonisas têm apenas um lado, elas só conseguem olhar numa direção. As profecias são catastróficas de acordo com sua visão seletiva, ou seja, quando se trata de prenunciar desastres supostamente produzidos pela



tribo rival. As previsões mudam imediatamente para o melhor dos mundos, quando os aliados assumem o controle e provocam desastres ainda maiores. As Cassandras atuam nas mídias eletrônicas e é bom esclarecer que a referência às figuras cubistas de Picasso não quer dizer que, embora pareça, *todas* sejam pavorosamente feias.

OS REFORMISTAS DO ATRASO

Toda vez que um engravatado porta-voz do *establishment* disser que o Brasil precisa de reformas, acredite: ele está falando a sério. Em todo o mundo, reformas costumam significar a tentativa de

sintonizar a vida econômica e social com as urgências do presente e as aspirações do futuro. No Brasil, não – aqui, as tais reformas visam, em vigorosa marcha à ré, atrasar o relógio da História, de preferência até um século atrás. Os reformistas de Pindorama, recendendo a uma mistura de naftalina com perfume *fin de siècle*, não são visionários, são nostálgicos. Cúmplices dos clérigos (evangélicos), latifundiários predadores e carregadores de mala (de dinheiro), têm na Idade Média o seu ideal de sociedade.

OS BELIGERANTES DA COVARDIA

Assassinar pobres indefesos, humilhar negros trabalhadores, prometer fuzilar a favela inteira, defender e promover a tortura são atitudes das quais os covardes se investem para simular valentia. Em todas essas situações de violência, os que atacam se prevalecem de uma superioridade tática (armas, arsenais, efetivos) que, se não houvesse, os apavoraria. De igual para igual, generais fanfarrões e capitães messiânicos não são de nada. Dá para incluir na categoria os valentões da internet, o MBL e os que se aproveitam do anonimato para exercer a cafajestagem das vaías em estádios de futebol.

OS BUFUNFEIROS SOLENES

O substantivo bufunfeiro, criação do economista Paulo Nogueira Baptista Jr., refere-se aos comentaristas a soldo do capital que, com notável senso de hombridade e significativa coragem, apresentam-se em palestras muito bem remuneradas, para dizer às suas plateias nada além do que elas já sabem e só o que elas gostariam de ouvir. Para tal, exige-se do, *hum*, comentarista de cenho franzido e atitude digna do que os franceses apelidaram de *superficialité profonde*. Essa raça dos enganadores empolados costuma buscar muitos de seus efetivos na televisão. •